

Gabriela Ardisson Matos
Faculdade de Letras de Lisboa

ESTRUTURA-P, TRANSFORMAÇÕES, PREDICADOS ELÍPTICOS E PRONOMINAIS

O. INTRODUÇÃO

Frases como (1) e (2), em que a chamada construção passiva co-ocorre com predicados elípticos e pronominais, colocam problemas importantes às análises clássicas propostas no seio da Teoria Standard (Alargada) e da Teoria da Regência e da Ligação (de ora em diante, TRL).

(1) Esses recibos foram pagos (pela Ana) mas estes não foram [-]

[-] = pagos pela Ana

(2) Esses livros serão postos na estante quando aqueles também o forem.

o = postos na estante

A reflexão sobre esses problemas é o tópico central deste trabalho. Em particular, serão consideradas as questões da adequação empírica das análises transformacionalista e interpretativa das elipses, e da motivação para a existência de um nível de Estrutura-P.

A comunicação está organizada em 4 secções: na secção 1 proceder-se-á a uma breve caracterização dos níveis de representação sintáctica e do tratamento da passiva previstos pela TRL; na secção 2, evidenciar-se-ão os problemas que frases como (1) levantam à abordagem interpretativa da elipse; na

secção 3 serão analisadas questões suscitadas por frases como (2) a uma teoria que postule um nível de Estrutura-P; finalmente, na secção 4, será avaliada a possibilidade de resolução destes problemas no âmbito do Programa Minimalista.

1. ESTRUTURA-P, ESTRUTURA-S E TRANSFORMAÇÕES

Na tradição gramatical chomskiana, da **Teoria Standard** à **TRL**, admitiu-se que qualquer frase apresentava dois níveis distintos de representação sintáctica - Estrutura-P e Estrutura-S. O nível de **Estrutura-P**, em que se encontram presentes todos os itens lexicais que figuram numa dada frase, é uma representação categorial canónica da estrutura argumental dos predicadores lexicais. O nível de **Estrutura-S** capta as alterações que essa estrutura canónica sofreu, em particular devido à deslocação de constituintes. Na **TRL** a relação entre o Léxico e a Sintaxe é feita pelo **Princípio de Projecção**, que determina a observação das propriedades categoriais e temáticas dos predicadores lexicais em todos os níveis de representação sintáctica, ou seja, Estrutura-P, Estrutura-S e Forma Lógica. O correcto emparelhamento entre os constituintes que ocupam as posições sintácticas de Estrutura-P e as relações temáticas dos predicadores é assegurado pelo **Critério Temático**, que determina que em Forma Lógica cada argumento esteja associado a uma relação temática e que cada posição temática seja ocupada por um argumento.

Neste quadro teórico, as frases passivas têm sido analisadas como o alvo de uma transformação de movimento, que, actuando sobre a Estrutura-P, desloca o argumento interno do predicador

verbal para a posição de Sujeito, como exemplificado nas representações simplificadas de (3):

(3) a. **Esses recibos** foram pagos

b. Estrutura-P

[-] foram [sppass [ppass' [ppass pagos] **esses recibos**_{Tema}]]

c. Estrutura-S

[**Esses recibos** _{tema}]_i foram [sppass v_i [ppass' [ppass pagos] v_i]

Esta abordagem apresenta duas vantagens: (i) permite materializar configuracionalmente a afinidade argumental de frases que exibem esquemas de relações sintácticas diversas, como, por exemplo, a passiva e a activa correspondente - confronte-se (3a) e (4), em que o argumento "esses recibos", com a relação temática de Tema, tem as relações sintácticas, respectivamente, de Sujeito e de Objecto Directo; (ii) em segundo lugar, permite correlacionar estruturalmente frases que, embora apresentem os mesmos esquemas argumentais e as mesmas relações sintácticas, diferem entre si pela ordenação dos constituintes - veja-se (4) vs (5)):

(4) Paguei **esses recibos**_{tema} **Objecto**

(5) a. **Esses recibos**, já paguei

b. **Que recibos** já pagaste?

Um tratamento transformacional destes fenómenos parece, pois, plausível e, se possível, desejável de manter.

2. TRANSFORMAÇÕES E ELIPSE

Vejamos que problemas uma frase como (1), repetida em (6), põe a este quadro de referência:

(6) Esses recibos foram pagos (pela Ana) mas estes não foram [-]

[-] = pagos pela Ana

O exemplo (6) é um caso de SV Nulo. No âmbito da Teoria Standard e da Teoria Standard Alargada foram propostos dois tratamentos alternativos para as estruturas elípticas - o transformacionalista e o interpretativista. Segundo o tratamento transformacionalista a elipse resulta da actuação de regras de supressão que operam, por identidade, sobre material lexicalmente realizado. Para o tratamento interpretativista, pelo contrário, a derivação de uma estrutura elíptica implica a presença logo na base de categorias linguísticas sem realização lexical mas eventualmente com estrutura interna. Os interpretativistas assumem que a atribuição de conteúdo a estas categorias decorre da actuação de uma regra de Reconstrução que copia o material do SV antecedente, foneticamente realizado para o SV Nulo. De acordo com cada uma destas abordagens, a (6) corresponderiam simplifadamente as seguintes representações de estrutura-P:

(7) Estrutura-P

a. Análise transformacionalista

[[-] foram [ppass pagos esses recibos pela Ana] mas

[[-] não foram [sppass [ppass [ppass pagos] [estes]] pela Ana]]

b. Análise interpretativa

[[-] foram [SPPass pagos esses recibos pela Ana] mas
[[-] não foram [SPPass [PPass' [PPass -] [SN -]][SP -]]]

A abordagem transformacionalista é facilmente conciliável com a análise das frases passivas previamente esboçada, pois permite que a elipse afecte um constituinte, o SV no participio passivo, que foi anteriormente alvo de transformações - o SN objecto directo foi deslocado para a posição de sujeito frásico (cf. (8)).

(8) Análise transformacionalista

a. Mover α

[[esses recibos foram[SPPass^v[ppass'([ppasspagos]v)...]]mas
[[estes]_i não foram [SPPass vi[ppass'([ppasspagos] vi)...]]]

b. Supressão

[[esses recibos]foram[SPPass^v [ppass'([ppasspagos]v)...]]
mas [[estes] não foram [SPPass -]]

O mesmo não se passa com a abordagem interpretativa, uma vez que os constituintes alvo de movimento fazem parte integrante do constuinte que é gerado sem realização fonética em Estrutura-P. Ora, como (9a) mostra, a deslocação, a partir do Participio Passivo Nulo, do objecto directo (igualmente nulo) para a posição de sujeito frásico produz apenas a expressão contraditória em (9b) e nunca (9c), como desejado:

(9) Análise interpretativa da elipse

a. Estrutura-S (cf.(7b))

{[esses recibos] foram [sppass^v [ppass' [ppass pagos] v]...]}

mas [[SN-]i não foram [SPPass vi [PPass' [PPass-] vi]...]}

b. mas [-] não foram

c. mas **estes** não foram ((cf. ((6)=(1)))

A análise interpretativa da elipse parece, pois, desadequada. A menos que se assuma que as frases são directamente geradas nas configurações que apresentam em Estrutura-S, ou seja como em (10), e que a Estrutura-P é abstraída a partir deste nível (cf. MATOS 1992, entre outros).

(10)[[[esses recibos] foram [sppass [ppass' [ppass pagos] v]...]
mas [SN **estes**]i não foram [SPPass vi [ppass'-]]

Contudo, adoptar esta posição é enfraquecer a hipótese de que existe um nível de Estrutura-P que projecta configuracionalmente a estrutura temática dos predicadores - em (10) o sujeito "estes" só é associado à posição de argumento interno do participio passivo em FL, por Reconstrução.

Apesar de parecer mais facilmente conciliável a existência de Estrutura-P, o tratamento transformacionalista da elipse defronta-se com um problema central, que levou ao seu pouco sucesso na TRL - o do nível de aplicação da operação de **supressão**. Dada a articulação dos níveis de representação na Teoria da Regência e da Ligação, a operação de Supressão não se pode aplicar na Sintaxe, pois para que as frases sejam

interpretáveis não podem ser suprimidos constituintes que desempenhem uma função nas representações de Forma Lógica, nomeadamente, predicadores e argumentos, como acontece no caso do SV Nulo. O único nível de representação em que a Supressão se pode aplicar é Forma Fonética (cf. CHOMSKY 1992). Porém, neste caso, é necessário admitir que este nível de representação comporta mecanismos interpretativos, caracteristicamente atribuídos a Forma Lógica, que permitam decidir se dois constituintes são idênticos, de forma a um deles poder ser alvo de supressão (cf. KITAGAWA 1991). Com efeito, como (11) mostra, a identidade entre o constituinte elíptico e o seu antecedente não pode ser integralmente captada em termos de identidade lexical:

(11) Ele tem lido os mesmos livros que a Ana tem [SV-]

A frase (11) é um caso de SV Nulo contido no antecedente - ou seja, o SV Nulo na frase relativa tem por antecedente o SV cujo verbo principal ("lido") selecciona por objecto directo o SN que comporta a relativa com o SV elíptico. De acordo com a análise transformacionalista, (11) derivaria da representação de estrutura-S em (12), por Supressão do SV em Forma Fonética.

(12) Ele [tem lido os mesmos livros que a Ana tem lido v]

Porém, em (12), o SV antecedente, i.e., "lido os mesmos livros que a Ana tem [SV-]" não só não é lexicalmente idêntico ao SV a suprimir "lido v", como o contém. Em exemplos como (11), a identidade entre SV antecedente e SV elíptico, só pode ser

estabelecida num nível em que existam mecanismos interpretativos que permitam ultrapassar estes problemas, como é classicamente o caso de FL, em especial no âmbito das propostas interpretativas (veja-se MAY 1985).

A validade do tratamento interpretativo da elipse parece, pois, repôr-se e, com ela os problemas atrás assinalados relativamente à existência de um nível de Estrutura-P.

3. ESTRUTURA-P E PREDICADOS PRONOMINAIS

Considere-se seguidamente o exemplo (2), repetido em (13), em que uma frase passiva apresenta um predicado pronominal que parece substituir, na sua globalidade, o predicador e os seus argumentos internos:

- (13) Esses livros serão postos na estante quando aqueles também
o forem
o = postos [v] na estante

É consensualmente aceite na literatura que os pronomes não são introduzidos transformacionalmente, e que os constituintes que encabeçam são projectados a partir do Léxico.

Se assumirmos que o pronominal "o" substitui todo o predicado, a única representação sintáctica básica plausível para (13), é (14), ou seja, uma representação que coloca o sujeito do segundo membro coordenado na posição de especificador de uma oração pequena que tem o referido pronominal por núcleo:

(14) ... quando [[-] também forem [aqueles [o]]]

Porém, ao adoptarmos esta representação, somos obrigados questionar a relevância do nível de Estrutura-P, ou seja, de um nível sintáctico que capta a estrutura argumental das frases e no qual se aplica o Critério Temático. Com efeito, em (14), o especificador do sintagma pronominal, "aqueles", só em Forma Lógica pode aceder a uma relação temática ao ser associado ao seu vestígio, sob o efeito da operação de Reconstrução:

(15) [Esses livros] serão [sppass v [ppass' [ppass postos] v]
na estante] quando [aqueles]i forem [sppass vi
[ppass' [ppass postos] vi] na estante]

Existem, efectivamente, frases em que o pronominal "o" substitui todo o predicado, ou, seja, o predicador e os seus argumentos obrigatórios, e que conseqüentemente, favorecem a análise de Reconstrução acima esboçada. Os exemplos (16) ilustram estes casos.

- (16) a. O João colocou-se a si próprio no início da lista
e a Maria também o fez
o fez = colocou-se a si própria no início da lista
- b.??* O João colocou-se a si próprio no início da lista
e a Maria fê-lo ao filho
o fez = colocou o filho no início da lista
- c.??* O João colocou-se a si próprio no início da lista
e a Maria fez-lo no último lugar
o fez = colocou-se a si própria

Contudo, há outros exemplos, com verbos copulativos ou com o auxiliar da passiva, que sugerem que, embora marginalmente, o pronominal predicativo "o" pode substituir apenas o núcleo predicador:

(17) a.? A Ana está receosa de todos os exames mas a Maria só o está da prova de matemática

o = receosa

b.?? Esses livros só serão postos na estante quando aqueles

o forem na mesa

o = postos

Assim sendo, poderíamos supor, que a representação básica relevante a atribuir a (13) seria não (14), mas (18a), uma representação que não levanta problemas à existência de um nível de Estrutura-P:

(18) a. Estrutura-P

quando[(-) forem[s_{ppass} [p_{pass} ·[p_{pass} o][SN aqueles][sp -]]]]

b. Estrutura-S

[[aqueles] forem [s_{ppass} v [p_{pass} ·[p_{pass} o] [SN v]][sp -]]]]

Em (18a), o núcleo pronominal, categorialmente identificado com o antecedente verbal, selecciona e marca tematicamente os seus argumentos internos. Em Estrutura-S o argumento interno nominal desloca-se para a posição de sujeito frásico - veja-se (18b).

No entanto, há motivos para pensar que esta análise não é adequada, e que privilegiam uma abordagem mais marcadamente

interpretativa da pronominalização, que volta a pôr a questão da pertinência de Estrutura-P.

Em primeiro lugar, não é possível manter, como suposto em (18), que o predicado pronominal assume a natureza categorial do seu antecedente. Os predicados pronominais têm uma natureza categorial definida à partida no Léxico - são SNS (ou SDETS). Esta propriedade é atestada em (19) e (20):

- (19) a. O João está receoso do exame de Física, mas não o está tanto do de Matemática.
b. * O João está receoso do exame de Física, mas não o está tão do de Matemática.
- (20) a. Uma pessoa **tão** [ADJ receosa] vive sempre em pânico
b. * Uma pessoa **tanto** [ADJ receosa] vive sempre em pânico
c. **Tantos** [N receios] destroem a tranquilidade
d. * **Tão** [N receios] destroem a tranquilidade

Estes exemplos demonstram que o pronominal "o", como os restantes nomes, e diferentemente dos adjectivos, só pode ser afectado pelo intensificador "tanto", e não por "tão". Deste modo, tudo o que poderíamos dizer acerca do núcleo pronominal predicativo em (13), é que ele funciona um Nome deverbal que exhibe a mesma estrutura argumental do participio passivo, podendo projectar-se na sintaxe como em (21b):

- (21)a.?? Esses livros só serão postos na estante quando aqueles
o forem na mesa
b. [[SN -] [N' [N o] [SN aqueles] [sp na mesa]]]

Porém, e esta constitui a segunda objecção à representação (18a), não é possível fixar no Léxico uma estrutura argumental ou categorial única ao pronome predicativo. Como os exemplos (22), (23) e (24) mostram, ele pode denotar qualquer predicado: em (22) denota um predicador de um lugar com um argumento externo, em (23) um predicador inacusativo de um lugar, em (24) um predicador inacusativo de dois lugares (assumindo que o agente da passiva tem o estatuto de adjunto).

(22) O João é **Português** e o Pedro também o é.

a. [João_{Neutro} [Português]]

b. [Pedro {o}]

(23) Quando o 115 chegou, o rapaz já estava **morto** mas a rapariga ainda não o estava

a. [[-] [morto] [o rapaz]paciente]

b. [[-] o [a rapariga]]

(24) Os livros são **postos** na estante e as revistas também o são

a. [[-] [postos] [os livros]Objecto [na estante]Locativo

b. [[-] [[o] [as revistas] [SP-]]]

Consequentemente, no Léxico, o pronominal predicativo deve ser caracterizado como em (25), em que a posição de especificador é marcada como \pm tematicamente marcada e SX corresponde a qualquer sintagma complemento, independentemente da sua natureza categorial e relação tematical:

(25) [SN [SN \pm 0] [N' [N \circ] ([SX +0])]]

Alguns comentários adicionais são necessários para mostrar a adequação empírica do esquema (25). Com efeito, (25) parece não dar conta frases como (24), na medida em que apresenta uma única posição para complementos (i.e., SX) e o núcleo pronominal em (24) denota um predicador ("posto") que seleccionam mais de um argumento interno (i.e.: "as revistas" e "na estante").

Contudo, este problema é facilmente solucionado se adoptarmos, como é corrente nas últimas versões da Teoria X-barras, a "Hipótese do Complemento Único", defendida inicialmente por Larson 1988 para os verbos multi-argumentais. De acordo com esta hipótese, os predicadores em geral (e, conseqüentemente, o pronominal predicativo, em particular) seleccionam sempre apenas um complemento, ainda que este possa ser internamente complexo - os predicadores multi-argumentais "projectam" mais de um sintagma, cada um com uma única posição de especificador e de complemento, como ilustrado em (26), e (27):

(26) a. O João pôs os livros na estante

b. {SV1 OJoão [V'1 [V1-] [VP2 olivro [V'2 [V2 pôs] [na estante]]]]}

(27) a. As revistas são postas na estante

b. {SPPass1 [SN-] [PPass'1 [PPass1-] [SPPass2 [SN as revistas] [PPass'2 [PPass2 postas] [SP na estante]]]]}

Durante a derivação da frase, o predicador eleva-se do sintagma complemento (SV2 em (26b) e SPPass2 em (27b)) , para a posição de núcleo vazia que subcategoriza esse complemento (ou seja, para [SV1-] em (26b), e para [PPass1-] em (27b)).

Assumindo esta análise, o esquema (25) aplica-se trivialmente a frases como (24): como exemplificado em (28b), na oração pequena de núcleo pronominal, o complemento SX, é uma projecção SN (ou SDET) que denota o SPPass2 explicitado em (27b):

- (28)a. Os livros são postos na estante e as revistas também o são
b. [SN₁ as revistas [N'1 [N1 o] [SN2[-] [N2-] [SP-]]]]

Note-se, contudo, que adoptar (25) significa dizer que, para cada frase concreta, só depois de o pronome predicativo ter sido associado com um antecedente é possível fixar a sua estrutura categorial e conteúdo temático. Essa associação não se faz, porém, em Estrutura-P, mas em Forma Lógica. Assim, embora de uma forma menos radical do que nos casos de Reconstrução, estes dados levam-nos, mais uma vez, a questionar a relevância do nível de Estrutura-P, como representante categorial directo da estrutura argumental das frases.

4. O PROGRAMA MINIMALISTA

O quadro teórico esboçado em CHOMSKY 1992, e conhecido sob a designação de Programa Minimalista, fornece elementos que permitem um tratamento mais adequado das frases com predicados elípticos e pronominais. Em particular, no Programa Minimalista, a distinção na Sintaxe explícita entre Estrutura-P e Estrutura-S é abandonada, e o âmbito do Princípio de Projecção é circunscrito à Teoria X-barras. A Teoria Temática, reformulada, é remetida para FL. Neste quadro teórico é possível considerar que nas frases em (29a) e em (30a), a categoria elíptica e o predicado pronominal, se projectam como em (29b) e (30b):

- (29) a. Esses recibos foram pagos **mas estes não foram** [-]
 b. [sy estes [y'-]]
- (30) a. Esses livros serão postos na estante quando **aqueles**
 também o forem
 b. [SN aqueles [N' [o] SX]]

Em (29b) e (30b), as posições de especificador do predicado elíptico e do predicado pronominal são preenchidas por sintagmas foneticamente realizados, independentemente de em FL virem a ser interpretadas como posições tematicamente marcadas ou não. Do mesmo modo, as posições de complemento são projectadas, e se em FL, sob o efeito de Reconstrução ou de uma regra interpretativa que fixe o valor do predicador que as selecciona, lhes puder ser atribuído um estatuto argumental, a derivação é interpretável. De outro modo, a derivação é excluída pelo Princípio da Interpretação Plena.

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY 1992 "A Minimalist Program for Linguistic Theory". MIT Occasional Papers in Linguistics 1, MIT, Cambridge, Mass.
- KITAGAWA 1991 "Copying Identity", *Natural Language and Linguistic Theory*, 9:3.
- MATOS 1992 *Construções de Elipse do Predicado em Português - SV Nulo e Despojamento* Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- MAY 1985 *Logical Form - Its Structure and Derivation*. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.